

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

BRUNO ALMEIDA SANTOS

**ALIENAÇÃO EM MARX: OS PRINCÍPIOS CONSTITUINTES DA
DESUMANIZAÇÃO UNIVERSAL**

Dourados/MS

2017

BRUNO ALMEIDA SANTOS

**ALIENAÇÃO EM MARX: OS PRINCÍPIOS CONSTITUINTES DA
DESUMANIZAÇÃO UNIVERSAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Maria Gabriela Guillén Carias

Dourados/MS

2017

*À meus pais, Maria e José.
Ao grande amigo, Frederico.*

AGRADECIMENTOS

Ficaria em dívida se não coloca-se aqui aqueles que influenciaram diretamente sobre esse trabalho. Uns de mais longa data como meu pai, José, que assim espero ter ajudado nesses esforços de uns anos para cá, e minha mãe, que em muito dela há em mim, seu humanismo me refletiu diretamente pelo caminho na vida que me fez chegar até aqui.

Agradeço ao Grupo de Estudos Trabalho e Ontologia – GESTO –, pelos tantos encontros e discussões envoltos principalmente do O Capital de Marx, que muito me ajudou em compreender a teoria marxiana pela vertente da ontologia-materialista; dentre outras discussões sobre a esquerda e conversas frutíferas.

À minha orientadora, Maria Gabriela, por toda sua história de luta enquanto militante, desde El Salvador até chegar – a pouco tempo – à Dourados na UFGD. Pela sinceridade, e de ir sempre contra o academicismo mesmo nesse referido trabalho.

E sem dúvidas ao grande amigo camarada Frederico Lambertucci, a quem devo todo o percurso de aproximação às leituras sobre o marxismo. Mais do que isso, ao qual pela sua amizade as nossas conversas só tiveram espaço para ser travadas humanamente, o que tende a se tornar rara em nossos tempos de profunda desumanização.

Resumo

Há muito se perdeu a perspectiva da revolução social, de superação de toda a desumanidade que se instaurou nessa sociedade e que se aprofunda cotidianamente. Se é o marxismo uma teoria de apreensão do movimento do real que tem por finalidade a transformação do modo de produção capitalista por outro, por uma transformação da organização do trabalho, ele só o é pela relação objetiva que a classe proletária tem frente o processo do trabalho. Nesse sentido, e por todo um processo que se deu durante o século XX de perda dessa centralidade do trabalho, como consequência desse afastamento de não achar uma saída emancipadora, é que nos reportamos a esse estudo, buscar primordialmente na concepção rica de Marx, sobre o que significa essencialmente o trabalho. Se é ele que possibilita surgir o ser social e ao mesmo tempo humaniza-lo, buscaremos entender tal relação. Para que possamos entender como a alienação acontece, como ela está ligada ao trabalho, mas como se espalha através de todas as relações sociais para além dos processos produtivos. Essa alienação no ser social será muito mal compreendida pelos teóricos ao longo do tempo, colocando um caráter – erroneamente – essencial do homem à tal desumanização.

Palavras-chaves: Trabalho; Alienação; Ontologia-materialista.

Abstract

The perspective of social revolution, of surpassing all the inhumanity that has been instilled in this society and which is daily deepened, has long been lost. If Marxism is a theory of apprehension of the movement of the real that has its purpose the transformation of this mode of production by another, by a transformation of the organization of labor, it is only by the objective relation that the proletarian class has to the process of labor. In this sense, and throughout a process that occurred during the twentieth century of this centrality of work, as a consequence of this departure from not finding an emancipatory way out, we refer to this study, seek primarily in the rich conception of Marx, about what essentially means work. If it is he who makes it possible to arise the social being and at the same time to humanize it, we will try to understand this relation. So that we can understand how alienation happens, how it is linked to work, but how it spreads throughout all social relations beyond the productive processes. This alienation in the social being will be very poorly understood by theorists over time, putting a character – erroneously – essential of the man to such dehumanization.

Keywords: Work; Alienation; materialist-ontology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – A ESPECIFICIDADE DO TRABALHO	13
1.1 Ser inorgânico, orgânico e social. A sua inter-relação	13
1.2 Trabalho e Ser Social	15
CAPITULO 2 – ALIENAÇÃO E TRABALHO	23
2.1 O princípio da alienação na história	23
2.2 A alienação <i>universal</i> da burguesia a partir da economia	27
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	40

INTRODUÇÃO

A situação na qual se encontra a classe trabalhadora hoje – especificamente no nosso país – é de retrocesso no que diz respeito aos seus direitos trabalhistas; é de declínio a situação do desemprego estrutural que se acentua; é de declínio quanto à falta de moradia, de alimento, de água potável, de educação básica, da saúde, e por tudo aquilo que entendemos ser fundamental para satisfazer as necessidades humanas mínimas.

Isso está escancarado em nosso cotidiano de modo que até mesmo o representante da classe dominante nos confirmaria. Cada vez mais vemos um cem números de burocratas entrar e sair da administração do Estado e a situação só piora – o que se comprova o idealismo a respeito das políticas públicas –, perante aquilo tudo que dissemos no parágrafo anterior.

Ora, nos dirigimos então à classe que nessa sociedade mantém a reprodução do capital nos trilhos, aquela que transforma a natureza e ao mesmo tempo é explorada – pela mais valia, recebendo um salário¹ – e mantém uma classe que é antagônica à ela, a classe burguesa; olhemos para a classe proletária e enxergamos que, perante toda essa exploração e aprofundamento da crise gerada pelo capital, ela está – de um modo geral – momentaneamente “rendida” frente tal situação. No sentido que não estamos vendo essa classe que se torna a principal frente a dominação do capital, lutar para superar na raiz todos os seus problemas, não está organizada frente uma luta por uma revolução social.

E os movimentos sociais, partidos de esquerda, militantes, onde se encontram frente essa situação sem precedentes na história da humanidade? Perante tudo aquilo que Marx e Engels desenvolveram, o quanto eles se apropriaram e deram o passo à diante? Se não se apropriaram inteiramente da

¹ A forma de exploração no modo de produção capitalista é singular na história da humanidade. O trabalhador vende sua força de trabalho – sua capacidade de produzir valores de uso – para outrem, nesse caso o capitalista. O que determinará será o tempo que levará para produzir tal mercadorias, ou seja, se numa jornada de trabalho de 8 horas diárias, nas duas primeiras horas – dada o desenvolvimento das forças produtivas e da demanda para satisfazer toda a população – o trabalhador efetivar o mínimo necessário para satisfazer suas necessidades para sobreviver, nas outras 6 horas restantes será apropriada pelo capitalista. Ou seja, das duas primeiras horas trabalhadas é que se contabilizará o seu salário, e das 6 horas em diante, se produzirá uma mais-valia para o capitalista, essa é a relação de exploração deste modo de produção.

concepção revolucionária da teoria marxiana, onde erraram? Qual momento se desviou do caminho que poderia tirar não só a classe trabalhadora mas toda a sociedade dessa barbárie que vivemos?²

Não esperamos aqui responder todas essas perguntas, ademais que elas tenham de ser respondidas e convertidas rumo ao verdadeiro caminho da emancipação humana.

Nossa busca nesse estudo será partir desses problemas mais tangíveis do nosso cotidiano, e buscar sua apreensão na sua própria raiz. A raiz nesse caso é o conjunto das relações sociais articulada fundamentalmente com o trabalho. Quando nos referimos aqui ao trabalho estamos falando daquilo que precisamos fazer para nos manter enquanto seres vivos e enquanto ser social. Daquilo que faz-nos essencialmente humanos, o ato de transformar a natureza e dela se erguer; de não sermos subjugado dela, mas de ascendermos à ela enquanto gênero humano que somos, e não animais. Isso é de fundamental importância para Marx, donde entende que o trabalho é ontológico-fundante do homem, que ele mesmo trava esse processo e ao mesmo tempo se humaniza.

É daí que partiremos nesse estudo, para então entendermos o papel central que o trabalho tem ao longo da história da humanidade – do período anterior da sociedade de classes, ao escravismo, passando pelo feudalismo e chegando ao capitalismo, especificamente este último³.

Se Marx assim estiver correto e o trabalho for mesmo central ao gênero humano – o que não significa que existam outras mediações do homem com o homem que não se reduzem ao trabalho, como: a arte, a literatura, a educação, o direito entre outros –, significa que ele se constitui ontologicamente ao ser social, e

² Com isso não quero aqui dar a entender que um simples “levar” da teoria para a massa proletária resolveria o problema, estou aqui entendendo que organizações políticas partidárias, sindicatos e afins, não se apropriaram inteiramente da discussão sobre o que é a revolução, principalmente sobre a questão da crítica e autocrítica a que se deve submeter constantemente; que a relação antagônica entre trabalho e capital não é uma questão de conciliação, mas de superação, de superar o capital.

³ Infelizmente por questão de tempo, não pontuaremos nesse estudo, a entrada do capitalismo na América Latina, seu período de colonialismo e imperialismo, chegando a dependência donde nos encontramos. Mas entendemos que a discussão aqui contida serve de pontapé fundamental para enter nossos problemas atuais enquanto país estruturalmente dependente que somos.

assim ele continua sendo nessa sociedade, da produção de mercadorias regida pelo capital, fundamental. A história nos mostra que sim, Marx está correto em sua interpretação, e em todos os modos de produção onde se tem classe sociais vão existir antagonismos sociais, e a nossa em questão se dá pela classe proletária – que tem de vender sua força de trabalho por um tanto de salário para sobreviver – e a classe burguesa – que se apropria da força de trabalho alheia para extrair a mais valia e sustentar seu lucro.

Se assim estamos entendendo, significa então que a nossa luta para esse fim da exploração e dessa barbárie, se dá pelo papel central da classe proletária nessa luta – e foi essa a grande descoberta de Marx. Significa que centrarmos os nossos esforços sobre a classe proletária é centrarmos a luta para todo o gênero humano⁴. Que assim como fez Marx, o nosso conhecimento deverá buscar intimamente esse antagonismo gerado entre capital e trabalho.

Acontece que dessa relação entre capital e trabalho – onde o primeiro necessita do segundo para se manter, já o trabalho não – vai gerar uma obstrução das nossas relações, gera uma desumanização que impede de compreender o porque das nossas relações serem tão desumanas, tão penosas, tão bárbaras. Se o trabalho em si nos humaniza significa então que algo que está atrelado à ele faz ao mesmo tempo o efeito contrário. E esse efeito contrário, desumanizador, é que faz também barrar, ou melhor, limitar a possibilidade da classe que é explorada subverter à ordem posta em um sentido imediato, dito que, dessa contradição também surge a possibilidade/necessidade de superar o capital.

A nossa tarefa aqui então, não será de tratar moralmente da imobilidade da classe trabalhadora e com ela também a da esquerda – que em si tem problemas particulares teoricamente, mas que está paralelamente ligada ao processo do trabalho –, mas sim de conceber os fundamentos dessa antropomorfização que se incrustou em nosso cotidiano, mais precisamente, no modo de produção capitalista.

Disso, a partir dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* de Marx, tiraremos desdobramentos sobre a teoria da Alienação. Essa alienação complexificada pelo sistema sociometabólico do capital – para além da própria

⁴ Com os capítulos 1 e 2 essa questão será debatida.

classe trabalhadora – de modo que irá afetar no nosso conhecimento, mais precisamente, nas organizações de esquerda – como dissemos, seja no partido político, em movimentos sociais, com militantes, em fim – que entendem a superação do capitalismo como fator primordial.

Acontece que ao longo do século XX – não só, mas principalmente – vão se estender correntes dentro do movimento socialista, mais precisamente dos PC's – Partidos Comunistas –, que vão colocar não só etapas para o sucesso do socialismo, como entendem que a entrada dos partidos de esquerda – braços político e suposto representante da classe trabalhadora – na disputa do Estado é de fundamental importância. Entram assim dentro de uma mediação que para Marx e Engels estava mais do que clara a sua função na sociedade, que é a manutenção da exploração de uma classe sobre a outra, a entificação necessária para o capital se desenvolver⁵.

Esse é o caráter do Estado que iremos entender melhor – assim espero – na sociedade de classes; é da sua natureza, da sua essência, ser uma mediação que uma classe utilize para se sobrepôr à outra – que no nosso caso, capital e classe burguesa necessitam e o têm para si. O caráter do Estado exprime uma particularidade, mas que se assenta socialmente sob uma falsa universalidade. Ou seja, esse movimento de esquerda – não todos obviamente, mas em sua maioria – entende que o Estado, apesar de ter se constituído pela classe dominante, se tornou, vamos assim dizer, universal, no sentido que pode ser tomado para ser representado pela classe trabalhadora, e assim melhorar nossas vidas, termos mais liberdade.

Aqui ainda pode não ficar evidente tamanha limitação teórica dessa concepção que vai contra o pensamento marxiano, mas no final desse estudo ficará minimamente possível compreender que esse movimento para dentro do Estado e

⁵ “O capital é, portanto, o *poder de governo* sobre o trabalho e os seus produtos. O capitalista possui esse poder não por causa dos seus atributos pessoais ou humanos, mas na medida em que é *proprietário* do capital. O *poder de comprar* do seu capital, a que nada pode resistir, é o seu poder” (MARX, 2015, p. 264). É por isso que à classe trabalhadora ao Estado de nada lhe garante poder, pelo contrário, o poder na sociedade capitalista se coloca sobre o capital, à ela cabe destruir esse poder desumano do capital e instaurar uma nova forma social de produzir.

para a via parlamentar, é falso – do ponto de vista da revolução socialista – como também é absolutamente estéril.

Esse movimento, e essa concepção, tem início – sem aqui adentrarmos a fundo na questão – na Alemanha, com o que vai ficar conhecido o Partido Social-Democrata da Alemanha – SPD. Esse movimento se inicia quando ainda se encontravam em vida Marx e Engels. Obviamente entraram em muitos debates com esse partido e seus intelectuais, mas que foi se desenvolvendo no século XX⁶.

Esse movimento – que ficará conhecido como socialdemocrata, sendo sinônimo de reformismo – irá conceber a tomada do Estado como passo fundamental para a revolução socialista, ou seja, que não cabe à classe proletária tomar o trabalho como momento predominante da transformação social, mas por meio do Estado um partido centralizado encaminhará tal ato.

Esse é um momento desse período de perda da centralidade do trabalho – do processo revolucionário – para uma centralidade da política. Sendo assim, não caberia à classe que transforma a natureza alterar sua organização via o trabalho, mas sim primeiramente pela tomada do poder político, para depois uma transformação na economia.

Perceba que economia é no sentido de distribuir a riqueza que se produz, mas sem alterar a forma como se produz.

Em seguida, depois da revolução Russa e todo o período do que irá ficar marcado na história como stalinismo⁷, no qual marcará fortemente um retrocesso – ou melhor, uma paralisia – na produção teórica marxista⁸, virão os partidos comunistas em um movimento de reforma dentro da concepção de luta, tal qual ficará conhecido como o Eurocomunismo. Esses partidos que se situam na França, Itália e Espanha, – irão conceber que o problema da liberdade na União Soviética se deu pela falta da democracia, da liberdade, de direitos, o que impossibilitou a luta para o socialismo. Em suma a concepção do Eurocomunismo vai colocar que, “a

⁶ Para uma análise precisa e objetiva desse movimento da esquerda, ver *Descaminhos da Esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política*. TONET; NASCIMENTO. Alfa-Omega, 2009.

⁷ Para uma discussão profunda sobre as internacionais comunistas e o período estalinista: Fernando Claudín, *A Crise do Movimento Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

⁸ Ver em NETTO, J.P. *Capitalismo e Reificação*. ICP, 2015.

democracia não é *um* caminho para o socialismo, mas sim o caminho para o socialismo”. (Tonet e Nascimento, 2009, p. 99). Perceba a ênfase sobre entender que este seja o único caminho para a revolução proletária.

Mas democracia não estaria intimamente ligada à sociedade de classes? Não surgiu assim em Atenas na Grécia Antiga? Onde estaria a sua função em uma sociedade onde a autoprodução se consubstanciaria na livre associação de todos?

O não conhecimento da origem da função e, sobretudo da essência da democracia liberal em uma sociedade, leva hoje muitos marxistas a reivindicar seu papel fundamental no socialismo. Socialismo para o Eurocomunismo seria o máximo de democracia possível.

Acontece que socialismo não significa mais direito, mais liberdade ou mais democracia. Socialismo é o período de transição, em que ainda não se atingiu a liberdade plena. Comunismo seria a liberdade para todos na medida em que essa emancipação universaliza todo o gênero humano, colocando fim a luta de classes, fim à alienação, fim ao individualismo burguês, ao Estado, a família monogâmica, a tudo que é desumano socialmente; instaurando assim uma coordenação da produção pelos produtores conscientes e livremente associados.

Em suma, a concepção tanto da Socialdemocracia como do Eurocomunismo, perderam totalmente a perspectiva revolucionária do proletariado da transformação das bases materiais fundantes do sistema do capital. Saíram da centralidade do trabalho – que para Marx é fulcral – e passaram para a centralidade da política – que para Marx é apenas o meio que a *classe proletária* tem para poder atingir a revolução, e não o meio para ter uma representação em um aparato burocrático no Estado.

Entendemos assim que esses são alguns pontos dos fatos principais que percorrem nos últimos anos e que se rebatem sobre a tentativa de superar um sistema de produção e organização social que em si é absurdamente desumano. Partimos então disso para adentrarmos em dois pontos nesse nosso estudo: o caráter do *trabalho* – da relação entre o sujeito e o objeto –; e o caráter da *alienação* – que só surge e se mantém pelo caráter anterior.

CAPÍTULO 1 – A ESPECIFICIDADE DO TRABALHO

A partir do encontro que Marx teve para com a economia política – juntamente com o fundamental texto de Engels⁹ – é que podemos ter a dimensão da transformação que essa categoria trouxe para a concepção teórica de Marx. Todo o seu arcabouço filosófico exerceu uma significação tremenda para o seu avanço de compreensão, sua superação, transcendência, do que os economistas clássicos entendiam, e tratavam sobre a categoria do trabalho.

1.1 Ser inorgânico, orgânico e social. A sua inter-relação

Antes de entrarmos na dimensão do trabalho, detenhamo-nos por um momento sobre a problemática das *necessidades* do ser social. As *necessidades* da qual temos cotidianamente de saciar, não é exclusiva da nossa sociedade, também no reino animal – ser orgânico – encontramos essa característica. Ela é a mais pura condição de sobrevivência e continuidade de nossa espécie, onde em suma, podemos descrever que essas necessidades do ser social seriam: alimentação, água, vestimenta, abrigo e reprodução sexual. Vejam que, em primeiro lugar, estamos tratando de necessidades que remetem mais simples condição biológica de nossa espécie, segundo, que estamos fazendo uma abstração de um momento anterior à sociedade de classes, anterior à dita sociedade escravista enquanto modo de produção, ao mesmo tempo que não podemos especificar precisamente como esse modo de produção sem classes, sem divisão do trabalho se deu, pois entraríamos em discussão em várias sociedade espalhadas pelo mundo, e que está fora de nosso alcance nesse momento. Sem dúvida que estamos tratando da dita época do paleolítico e neolítico, sendo assim partimos dela. Escolhemos esse incurso histórico, apenas para que nos proporcione uma melhor compreensão da sua real problemática. É claro que na natureza – no ser orgânico – os animais não produzem vestimenta como nós, mas veja que precisam se alimentar, ingerir água e em muitos casos construir um abrigo, pois

a vida genérica, tanto entre os homens quanto entre os animais, fisicamente consiste primeiro em que o homem (tal como o animal) vive da natureza inorgânica, e, quanto mais universal do que o animal o homem é, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica de que ele vive (MARX, 2015, p. 310).

⁹ “Esboço de Uma Crítica da Economia Política”, 1979.

São condições essenciais para o ser social e o ser orgânico dar continuidade a sua espécie. Isso é o reino das *necessidades*.

Complementaria esses dois seres há pouco descritos, o ser inorgânico, do qual formaria uma inter-relação entre os três seres: ser inorgânico, ser orgânico e ser social. O ser inorgânico é aquele que não tem a capacidade de se reproduzir, é em suma um ser sem vida, onde poderíamos dizer que seria: a terra, areia, minério, petróleo, pedra etc. Ou seja, são seres que não tem uma vida biológica de reprodução como encontrada no ser orgânico e no ser social. O ser orgânico – com o reino animal – apesar de ter a capacidade de se reproduzir, é seriamente limitado pela sua condição biológica, de natureza que tem, ou seja, apenas se alimenta – sozinho ou em bando –, se abriga contra predadores e contra intempéries, mas nunca irá sair para algo além disso porque sua relação com a natureza – com ela o ser inorgânico também – é uma relação de submissão a ela, não pode superar sua própria limitação biológica, no caso, do seu cérebro e sua genética.

Já é possível visualizar que, mesmo que tenhamos aqui separado esses três seres, eles estão intimamente interligados, do qual o mais desenvolvido está intimamente interligado com os outros, e ao mesmo tempo domina-os, pois “o caminho da evolução maximiza o domínio das categorias específicas da esfera da vida sobre aquelas que baseiam a sua existência e eficácia na esfera inferior do ser” (LUKÁCS, 2013, p. 42). Ou seja, o ser social necessita para sua sobrevivência do ser orgânico e do ser inorgânico. Assim como também o ser orgânico precisa do ser inorgânico para sua sobrevivência, como aquelas estabelecidas ao reino das *necessidades*¹⁰.

Creio que, grosso modo, estejamos entendidos sobre a diferença que os três seres – inorgânico, orgânico e ser social – têm um do outro. Sua constituição na história, digo, a dos três seres, foi-se um desenvolvimento que deu saltos qualitativos de seres diferentes –, mas também da inter-relação que neles se encontra.

¹⁰ É preciso acentuar que até aqui, a discussão é abstrata e longínqua na história, o que remete para além do ser humano. Porém ela será fundamental mais a frente, entendermos a alienação do ser social, e assim, poder visualizar sua superação. Dito em outras palavras, estamos em busca de um conhecimento profundo, que remeterá para um estudo humanizador, revolucionário, do gênero humano.

Esses saltos qualitativos, que estamos falando – do ser inorgânico rumo ao ser orgânico, e do ser orgânico rumo ao ser social – tem uma inter-relação que processualmente não se separam, mas se aprofundam, se imbricam cada vez mais. Poderíamos então dizer que desses saltos, se desenvolveu outro ser muito mais complexo, muito mais dinâmico, de um patamar mais elevado que o anterior à ele. Vejam, por exemplo, um tanto de terra, ou uma jazida de minério, tem uma complexidade química de material por si só, mas que de um todo formam uma rica inter-relação para com o nosso planeta. Quando se dá o salto para o ser orgânico – os primeiros organismos, os peixes, as plantas, os répteis etc. –, surge um ser que é muito mais complexo que o anterior, mas que, ao mesmo tempo, tem uma interligação de dependência profunda para o outro que ele superou. É fulcral para sua sobrevivência.

Já com o último dos saltos, o ser social, tem uma particularidade que não se encontrará em um estudo genético, biológico, geológico, etc., ou seja, ele não é possível de ser compreendido pelas ciências naturais, justamente porque seu salto se deu por uma relação de atos entre subjetividade e objetividade – essa é a especificidade do trabalho ao ser social, ao gênero humano, o papel de transformar a natureza e dela extrair as nossas necessidades, e ao mesmo tempo nos tornarmos subjetivamente sujeitos únicos, sujeitos em sociedade. Logo à frente entraremos nessa peculiaridade do ser social. No momento, é preciso entender que esses saltos não tornaram o ser assim mais desenvolvido independente do anterior, pelo contrário, sua inter-relação – do mais desenvolvido ao menos desenvolvido – é aprofundada cada vez mais.

Agora, como foi dito, é preciso adentrar nas características do ser social, sua possibilidade de surgimento e superação do reino animal, quer seja, do salto qualitativo de um ser para outro ser.

1.2 Trabalho e Ser Social

Nossa busca agora, não é exatamente de encontrar *quando* historicamente se deu esse salto do homínideo – que não é um símio mais ainda não é um ser humano – para o indivíduo em grupo, como pertencente ao ser social; buscamos antes de tudo compreender *como* foi possível ocorrer um salto qualitativo em direção ao ser social. Reiterando, não é *quando* cronologicamente surgiu – se a linguagem,

o trabalho, a cultura –, mas *como*. É preciso descobrir qual é aquele que tem a real potencialidade de *fundar* o gênero humano. Compreendemos assim que, como Marx e Engels, e depois Lukács, é o trabalho esse complexo que possibilita o surgimento e a reprodução do ser social.

Para nos expressarmos melhor, e dar ao leitor o devido argumento de por que, somente pela via intelectualiva – no nosso caso, ontológica materialista – é que podemos chegar a esse salto qualitativo do trabalho, recordemos o que diz Lukács sobre essa passagem para o ser social:

nesse ponto está excluído de antemão o recurso experimental às passagens da vida predominantemente orgânica à socialidade. É exatamente a penetrante irreversibilidade do caráter histórico do ser social que nos impede de reconstruir, por meio de experiências, o *hic et nunc* [agora ou nunca] social desse estágio de transição. Portanto, não temos como obter um conhecimento direto e preciso dessa transformação do ser orgânico em ser social. O máximo que se pode alcançar é um conhecimento *post festum*, aplicando o método marxiano, segundo o qual a anatomia do homem fornece a chave para a anatomia do macaco e para o qual um estágio mais primitivo pode ser reconstruído – intelectualmente – a partir do estágio superior, de sua direção de desenvolvimento, das tendências de seu desenvolvimento. [...] O salto, no entanto, permanece sendo um salto e, em última análise, só pode ser esclarecido conceitualmente através do experimento ideal a que nos referimos (LUKÁCS, 2013, p. 42).

E é por isso então que nunca poderíamos – se assim a ontologia materialista estiver correta, estou convencido que sim – chegar a esse momento se não a partir de um modo de produção mais desenvolvido – onde as forças produtivas deram um salto monstruoso de produção, ou melhor, onde as forças produtivas se revolucionam constantemente¹¹, mas com um caráter contraditório, da relação entre trabalho e capital – quer seja, o capitalismo. E claro, com uma devida compreensão de mundo capaz de captar – intelectivamente como diz Lukács – esse momento do salto¹².

¹¹ Disso reside que “a burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais” (MARX;ENGELS, 2010, p.43). “A burguesia, em seu domínio de classe de apenas um século, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais do que todas as gerações passadas em seu conjunto” (MARX;ENGELS, 2010, p.44).

¹² É preciso reforçar, para os não familiarizados com a obra marxiana, que tudo o que foi produzido posteriormente a Marx é conhecido como teoria marxista. Nesse sentido, todos os teóricos que partiram de Marx para analisar a realidade – sendo assim, desenvolvendo e aprofundando a teoria do astuto alemão –, fizeram-no, em última instância, sob a sombra de Marx. O que eu quero dizer é que toda a argumentação dos marxistas que aqui se

Segundo Lukács, o trabalho dá a possibilidade de elaborarmos algo em nossa mente – de modo que possamos antever o ato – para depois objetivarmos tal matéria. A esse processo ele definirá como ato teleológico, que só é possível de ser elaborado pelo ser social. Mas detenhamo-nos com mais calma e precisão sobre esses conceitos. Que algo é esse?

O momento no qual idealizamos um objeto em nossa mente, para depois objetivarmos esse processo, é chamado por Lessa – partindo da concepção de Lukács – de *prévia-ideação*; seria, pois, o momento que antecede o ato objetivo, da objetivação de uma ação na prática.

Pensemos em um exemplo para mostrar como se daria esse ato em uma sociedade, ou melhor, no surgimento dessa sociedade. Imaginemos que um indivíduo primata tendo que se alimentar para sobreviver – e aqui estamos falando justamente do reino das *necessidades* – consegue, por uma sorte do acaso, encontrar um urso recém morto em uma floresta. Imaginemos que esse urso morreu de velhice e sua carne se encontre ainda fresca, boa para comer.

Porém nem tudo está dado, pois o nosso hominídeo está longe de sua família – formada por quatro ou cinco indivíduos –, alguns quilômetros onde ele se encontra nesta floresta.

Ele e sua família estão se locomovendo para procurar alimentos e novo abrigo, de modo que ainda não disponham de qualquer tipo de ferramenta cortante ou algo similar. Pararam por algumas horas sobre uma árvore para descansar e arrumar abrigo, de modo que nosso personagem primata – sendo o único homem de sexo masculino adulto da família – saíra para procurar comida enquanto as crianças ficaram com a mãe¹³.

Voltemos à floresta junto ao nosso hominídeo. A situação está clara, ele precisa não só pegar a carne do urso para alimentar a sua família, mas também se apoderar de sua pelagem protetora. Porém, como dito, ele não tem nenhuma faca,

encontram nesta pesquisa, tem seu fundamento em Marx. Não há nenhuma ruptura ou algo que não exista em Marx, ao menos dos autores aqui selecionados.

¹³ Aqui, assim como no reino das necessidades de sobrevivência do ser, a reprodução biológica para a continuidade da espécie é muito primitiva, de modo que o cuidado maior para com a reprodutora do sexo feminino, que dá de amamentar, é muito importante para a continuidade da espécie, nesse caso para com a família.

nenhuma ferramenta em mãos, o urso é muito pesado para ser carregado ou arrastado até sua família, e o pior é que nosso primata não pode se afastar do urso por muito tempo, pois a chegada de uma alcateia de lobos para devorar o urso, é agora iminente.

Tentando a todo custo rasgar a pele do urso com pedaços de madeira em vão, nosso primata percebe o tamanho das garras do urso – que medem aproximadamente 8 cm, pois é um urso grande e velho – e tateando-a vê que ela é pontiaguda e tem uma forma peculiar de curvatura, da qual ele nunca tinha tido contato com algo parecido – a não ser uma pedra ou outra. De certo modo, vendo que ela poderia cortar a pele e retirar a carne, de imediato as arranca de sua pata, com uma dificuldade grande, mas logo vê a real potencialidade de tal objeto em suas mãos. Do mesmo modo que ela se encontrava articulada com a pata e ao antebraço do urso, nosso primata desamarra um pequeno cipó que tinha prezo a cintura, retira-o e com um pedaço de madeira pequeno, prende a garra junto à madeira. Começa a abrir a barriga do urso de modo que nunca tinha passado por experiência do tipo, nunca tinha tido uma sensação como esta, de domínio sobre uma grande quantidade de carne com um objeto cortante.

Repare aqui que esse ato que nosso primata fez, do objeto que ele criou, não é possível de acontecer pelo reino animal, e também, da garra do urso fixada a uma madeira, não se dá na natureza de modo que pudéssemos simplesmente pegar. Não teria como chegar a esse objeto sem ter feito o processo que o trabalho tem a capacidade de proporcionar.

Agora voltemos ao processo do trabalho no primeiro nível de abstração. Quando nosso primata vê a garra do urso e encontra ali a potencialidade para cortar, ele antes de fazer, interioriza a garra na sua consciência, elabora minimamente o que irá fazer, como irá fazer, ou seja, ele elaborou a *prévia-ideação*. Dando continuidade ao processo ele se apodera da garra do animal para em seguida extirpar o mesmo. Perceba que ele *objetiva* sua *prévia-ideação*, colocando algo novo que era inconcebível sem ter tido todo esse processo. Se ele só tivesse idealizado em sua mente a garra, e não a objetivado como um objeto cortante, não teria completado o processo, ou seja, não teria elaborado a teleologia, o trabalho, e de

quebra também não teria sido uma *prévia-ideação*, pois ela sempre se dará em articulação com a objetivação.

Veja que não mencionamos todo o histórico passado desse primata, para com sua família. Mas sem dúvida foi preciso ter o mínimo de contato com a natureza para ele saber: o que é a madeira, qual a melhor madeira; o que era aquele animal; onde encontrar alimento; como se apoderar da carne de um animal, etc. De tudo um pouco foi preciso para ele ter estabelecido a teleologia com sucesso.

A relação até agora exposta por nós, da *prévia-ideação* para com a *objetivação*, confere a possibilidade de darmos o próximo passo da teleologia – que não necessariamente surge em uma ordem cronológica –, daquilo que vai se configurar de *exteriorização*.

A exteriorização é esse momento do trabalho através do qual a subjetividade, com seus conhecimentos e habilidades, é confrontada com a objetividade a ela externa, à causalidade. Por meio deste confronto, pode não apenas verificar a validade do que conhece e de suas habilidades, como também pode desenvolver novos conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente (LESSA, 2015,p. 24).

No nosso exemplo do hominídeo, abstraímos todo o seu histórico, e de sua família, de suas experiências de vida até o encontro com o urso, mas isso não significa que ele já não tenha tido várias experiências, das quais com objetos que não se efetivaram como cortantes; não quer dizer que já exista – ou possa existir – em sua família, ou pequeno grupo, a linguagem. Sendo assim, esse conhecimento que ele tinha acumulado – sobre os tipos de madeira que se utilizava, os tipos de pedras, etc. –, ainda não pudera atingir seu êxito, mas que veio a ocorrer no encontro derradeiro com o urso. Essa *exteriorização* vai estar interligada intimamente com a *objetivação*, sendo assim: o momento da *objetivação-exteriorização*. Nesse processo há uma constante transformação da subjetividade, de modo que nunca mais será a mesma de antes do ato. A *exteriorização* imbricará uma transformação na subjetividade, de modo que em todo ato teleológico teremos sempre um ato novo, nunca o mesmo; e sempre implicará uma *objetivação-exteriorização* nova, nunca a mesma.

Dessa relação, é que se constituem os dois principais momentos do trabalho: teleologia e causalidade. A teleologia acabamos de dizer – da *prévia-ideação* para

em seguida à objetivação-externalização. Causalidade seria não só o objeto que surge dessa objetivação, mas uma causalidade que não é a mesma da natureza, uma causalidade socialmente posta, na qual é um resultado que também irá remeter às próximas *prévia-ideações* um momento predominante, como uma matéria mesma¹⁴. Essa relação entre teleologia e causalidade é de suma importância para a continuidade do processo do trabalho. Quanto mais teleologia se executar, mais causalidade – objetos – se efetivando, mais humanizada a natureza o homem moldará. Ou seja, mais conhecimento e domínio sobre ela traz consigo uma maior potencialidade do gênero humano sobre a natureza; mais complexo se torna o ser social sobre o ser orgânico.

É importante ressaltar esse último ponto, pois, é dele que dará a “distinção concreta, real, ontológica (isto é, no plano do ser) entre o sujeito e o objeto”. E sobre aquilo que dissemos lá atrás, saltará à sua evidência, quer seja, da diferença ontológica entre ser inorgânico, ser orgânico e ser social.

Por ora pode parecer simples, mas esse processo de *prévia-ideação* e de *objetivação* – reiteramos – não acontece no reino animal, no ser orgânico.

A consciência do ser biológico, dos animais, é uma consciência intimamente ligada a sua natureza mesma, à sua própria condição biológica já pré-definida através de sua espécie e gênero. Isso quer dizer que

o animal é imediatamente um com a sua atividade vital [aqui, das *necessidades*]. Não se diferencia dela. É *ela*. O homem faz a sua própria atividade vital objeto da sua vontade e da sua consciência. Tem atividade vital consciente. Precisamente apenas por isto ele é um ser genérico (MARX, 2015, p. 312)¹⁵.

É claro que podemos encontrar um chimpanzé utilizando um galho para pegar uma comida ou se defender de um inimigo, mas ele se apodera daquilo que está dado, não transforma a natureza, não pega um pedaço de galho e prende uma garra

¹⁴ Com isso, não estamos querendo dizer que toda a nossa socialidade – e mesmo de um período de sociedade sem classes – tenha de ser redutível ao trabalho, ao ato teleológico do trabalho. Estamos aqui, apenas sinalizando o caráter fundante e predominante ao ser social que o trabalho tem. Sem dúvida que depois virão atos teleológicos que não dizem respeito ao trabalho, se voltarão apenas ao gozo do gênero humano, ao reino – do que iremos ver mais afrente – da *liberdade*. Ai entraria: arte, literatura, música, educação etc. Mas que ainda, em última instância, só são o que são, pela potencialidade do trabalho. Sem trabalho nenhuma liberdade é possível de almejar.

¹⁵ O acréscimo em colchete é nosso.

na ponta para utilizar à suas necessidades como lhe convenha, isso não é possível com a consciência primitiva e limitada biologicamente que os animais têm. Sabemos bem “que o animal também produz, mas apenas o que necessita imediatamente para-si ou para a sua cria; produz unilateralmente, enquanto o homem produz universalmente” (MARX, 2015, p. 312). Eis aqui o caráter universalizador do gênero humano, ontologicamente distinto do reino animal.

Voltemos ao objeto cortante objetivado pelo nosso primata. Esse objeto que ele criou – com o mínimo de conhecimento sobre a natureza – tem de ser imediatamente socializado, no seguinte sentido que, quanto mais conhecimento – nesse caso o objeto cortante – ele e sua família, também depois seu grupo maior, tiver, mais as chances de todos poderem sobreviver durante mais tempo, maior a chance de eles dominarem a natureza, de viver socialmente e não animaisicamente. Isso é um caráter do próprio trabalho, de se desdobrar aos indivíduos do grupo social. Porém essas descobertas, ou teleologias, podem não seguir na história humana, claro, de algum modo ou de outro serviu para o desenvolvimento do conhecimento e de domínio sobre a natureza, mas podem não se perpetuarem na história. Por exemplo, a garra que foi utilizada e modificada como um objeto cortante, como uma espécie de faca, poderia não resistir ao tempo – enquanto objeto orgânico que é – e não ir adiante na história, ao que Lukács chamaria de “beco sem saída” na história. Mas compreendemos aqui que esse não foi o caso, e que teve sucesso na continuidade da constituição do ser social. Que depois serviu como uma causalidade à uma faca feita de pedra – que durará muito tempo –; à uma faca feita de bronze ou prata – que dá uma facilidade maior de manuseio na produção –, entre outros.

É preciso entender que o fundamento mais profundo do trabalho, entre teleologia e causalidade, é possível porque o sujeito que o executa, é ontologicamente diferente do objeto que ele trabalha. Se sujeito e objeto se confundissem, no sentido de serem iguais, não seria possível do indivíduo se defrontar com ele e idealizá-lo em sua mente, na sua subjetividade. Seria apenas uma contemplação do objeto, que a ele não é estranho – nesse caso –, mas apenas um mais do mesmo. Isso é o que Lukács chama espelhamento, de ter uma reflexão sobre o objeto, que em si não é o próprio objeto e ao mesmo tempo não o retém em sua subjetividade como um mero contemplar sem objetivar algo que não se

encontre na natureza. O espelhamento tem essa capacidade de ser “o veículo através do qual surgem novas objetividades no ser social, para a reprodução deste no mesmo nível ou em um nível mais alto. Desse modo, a consciência que espelha a realidade adquire certo caráter de possibilidade” (LUKÁCS, 2013, p.67).

O espelhamento então¹⁶, foi fundamental para que nosso primata tivesse tido experiências anteriores junto a natureza para que posteriormente pudesse ter objetivado a ferramenta cortante, ou melhor, atingido a teleologia. Desse modo, não houve problema algum terem acontecido erros nos atos anteriores do espelhamento, aliás, é da sua característica também errar, pois o erro foi fundamental para que nosso primata não tivesse perdido tempo com uma madeira, ou com a própria força das mãos, tudo foi um conhecimento do passado que se concretizou no ato teleológico do objeto cortante. Veja que aqui, no espelhamento, a introjeção dos objetos que estão ao alcance de sua visão na sua subjetividade, dá a possibilidade de alternativas. Quer dizer, as alternativas estão dadas para ele objetivamente, porém, agora, essas alternativas estão subjetivadas em sua mente, de modo que ele tenha o mínimo de domínio para o que fazer, como fazer, quando fazer.

É possível verificar agora, com mais clareza, que, quanto mais o indivíduo – aqui nosso hominídeo – se atentar a conhecer o mundo material que ele vive, quanto mais fundo e preciso for o seu olhar sobre o objeto, quanto maior for a apreensão sobre o trabalho que realiza, tanto mais bem sucedido será sua objetivação, tanto mais será feliz a sua finalidade, maior domínio ele terá no desenrolar do processo. Em resumo, quanto maior o domínio dos meios para os determinados fins, maior será o alcance da liberdade socialmente gerada; aumentando o campo do conhecimento leva-nos a uma desantropomorfização¹⁷ do ser, do homem.

Feito isso, iremos a seguir tratar de como para Marx, chega-se num dado momento no qual surge a alienação na história da humanidade, algo que ela mesma

¹⁶ Aqui não nos esqueçamos que estamos falando do trabalho na sua constituição mais íntima, atrelada ao momento de teleologia e causalidade.

¹⁷ Significa que quanto mais conhecermos a natureza e assim domina-la, mais humanizados nos tornamos, maior será nossa relação com nos mesmos sem nos reduzirmos assim ao trabalho. Ou seja, menos precisaremos de explicações teológicas sobre o nosso mundo, pois o nosso mundo, do gênero humano, é o mundo do socialmente criado e reproduzido, feito por nos mesmos, e não pelos deuses ou pela natureza.

criou, e que de algum modo perdeu seu controle. É fundamental a compreensão sobre o complexo do trabalho que aqui se expôs, para agora podermos tratar do complexo da alienação.

CAPITULO 2 – ALIENAÇÃO E TRABALHO

A partir do momento que uma determinada parte da comunidade tem de trabalhar para não só sobreviver, mas para gerar um excedente econômico para outrem; que uma outra classe então se apropria do trabalho excedente dessa subalterna – sendo assim ela mesma não exerce propriamente o trabalho, apenas se apropria –, está dada a possibilidade da alienação. Aqui então surge uma classe que exerce o *trabalho manual* – cujo aquele como falamos é o travamento necessário para a reprodução e manutenção do gênero humano –, enquanto a outra exercerá o *trabalho intelectual*, se apropriando de certo excedente de riqueza que ela não produziu¹⁸.

2.1 O princípio da alienação na história

Se olharmos para a história e observarmos que ela “começou” a dar passos largos em seu desenvolvimento a partir das sociedades de classes, a ter uma forma de produção e reprodução social cada vez mais complexa e dinâmica, foi por certa forma a melhor encontrada para a produção dos bens materiais, de modo que o menor acúmulo de forças produtivas não só não possibilitaram a essa altura uma outra alternativa, como a própria relação dos indivíduos – seja por estamentos ou por classes sociais – ainda era muito limitada à própria natureza, no sentido que não tinham sequer tempo para um conhecimento sobre si mesmos, sua relação para com o outro.

Esse breve resgate histórico anterior ao modo de produção capitalista é importante na medida em que se vê que a história não pode ser entendida como acontecimentos repentinos e separada de um todo, não, ela tem a sua dinâmica que independe do nosso querer individual, mas ao mesmo tempo é pela síntese das

¹⁸ A forma como essa dominação vai ser imposta a partir de uma classe sobre a outra, varia ao longo da história, mesmo dentro de um mesmo período histórico de organização do trabalho. Sendo assim, podemos dizer que essa dominação foi uma no Egito antigo, outra na Grécia antiga, outra na Roma antiga etc etc. Em suma essa relação entre as classes será permeada por uma concepção de mundo, seja religioso, místico, ideológico, filosófico moral, assim como uma organização de um Estado, da política, da economia, da educação, entre outros.

nossas ações individuais – depois também, de classes contra classes –, do ser social, que a história vai se encaminhando.

De algum modo ou de outro, do início do escravismo, passando pelo feudalismo até chegar ao capitalismo – aqui pegando o desenvolvimento que se deu no ocidente europeu –, o que temos é que as forças produtivas ainda eram pouco desenvolvidas, de modo que somente com a entrada do capitalismo produzindo uma abundância de mercadorias – importante notar essa especificidade da produção no capitalismo – que se possibilitou uma classe tomada como particular, se universalizar sobre toda a sociedade.

Ainda no feudalismo, a política exercia uma preponderância sobre a terra, sobre a organização da produção material da vida. No sentido que o clero ou a monarquia poderia se apropriar de uma vasta área de terra cultivável, mas nem por isso utilizar sua totalidade para o plantio. Ou seja, não se tinha uma preocupação – ao menos por boa parte do período medieval – sobre produzir incessantemente para uma obtenção ao máximo da produção, isso só ocorrerá em suma no capitalismo. A política ainda exercia uma preponderância na produção, pois não havia compra e venda de terras para se produzir, as terras e a produção se mantinham em uma relação central com a política.

No processo em que a produção dos bens materiais, dos produtos que utilizamos a nossa sobrevivência vai se adentrando pelo comércio, produzido em manufatura e a industrialização estoura, é necessário a esse capital que está agora imbuído nessa produção – que não está mais apenas no comércio, ficando à margem da produção como anteriormente –, seja produzido em uma propriedade privada, com ferramentas, maquinário, matéria prima, tudo nas mãos do capitalista e não mais do trabalhador. Isso significa arrancar o mínimo de terra que o camponês tinha, logo, acabar com qualquer relação política com a propriedade, de modo a superar qualquer moralidade que permaneça com a terra¹⁹.

A terra torna-se então alienável, para compra e venda, que facilita a nova relação então ascendente do grande capitalista. A relação monárquica e clerical é

¹⁹ O direito consuetudinário, tradicional que se tinha com a terra, é passado por cima pelo capital em sua maior parte.

superada, esmagada pela revolução industrial na Inglaterra e pela Revolução francesa²⁰.

Ao passo que a burguesia vai se constituindo enquanto a principal classe, a que se apropria do trabalho do proletariado – não só, mas principalmente –, ela mesma se coloca enquanto uma personificação da verdadeira determinação do modo de produção capitalista, ela é a personificação do capital. Isso significa que diferente dos outros modos de produção e de organização social pelo trabalho, na sociedade moderna o capital toma conta da produção dos objetos, de modo que a utilidade dessas mercadorias não se dá num primeiro momento, não na sua produção, mas apenas depois de compradas.

Perceba que a organização do trabalho de agora em diante não se dá mais por uma centralidade da política por assim dizer, mas é a economia que ascende violentamente, e que toma as rédeas da relação social. Passa-se de uma alienação político-*parcial* para uma alienação econômico-*universal* (MÉSZÁROS 2016). Sendo assim ela torna não só alienável a terra na qual se produz, mas ao mesmo tempo em que ela joga para fora o trabalhador dela, torna o trabalhador também como algo alienável. Como bem disse Marx em *Sobre a Questão Judaica*: “o ato de vender constitui a práxis da alienação²¹”. Porque agora a classe dominante não precisa mais se ancorar em uma moralidade teológica da natureza para se relacionar com o trabalhador – não que a classe burguesa não tenha a sua moralidade expressa em *Liberdade, igualdade e fraternidade* –, ela tem a princípio a sua livre concorrência no mercado que desenvolverá toda a sociedade abundantemente – sem dúvida que essa abundância e esse desenvolvimento não serão para todos.

O fato então, do servo e do artesão, perder o pouco que ele tinha para produzir a si próprio, de perder o que, como e quando produzir, faz com que ele não mais tenha controle sobre seu objeto, esse objeto agora está alienado à outrem. O casaco que ele produzia para satisfazer a si próprio, o trigo que ele moía para fazer

²⁰ Da emancipação política gerada a partir da revolução francesa, falaremos no item 2.2.

²¹ A concepção liberal apenas enxerga um sentido positivo do ato da venda, é claro que o desenvolvimento do comércio internacional foi fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas – com ele o crescimento populacional – mas, se deu de uma forma contraditória, na qual Marx pôde enxergar. Que o ato da venda tem um caráter histórico, disso não se tem dúvidas, mas ele também fez rebaixar as nossas relações sociais, constituindo a possibilidade da alienação. Por isso a importância crítica filosófica de Marx com a palavra alienação, pois ela tem um sentido negativo, advindo do ato da venda.

seu pão, a vaca que ele detinha para extrair o leite, e assim por diante, não faz mais parte do seu dia a dia, do seu cotidiano, agora antes de ele realizar essas utilidades que as coisas têm, tem de primeiro realizar a compra dessas mercadorias, e antes de realizar a compra dessas mercadorias tem de realizar sua própria força de trabalho enquanto uma mercadoria, por isso tudo é reduzido à mercadoria. Se antes ele trabalhava com a tecelagem por um certo quantum de prazer, mesmo que com muito esforço, hoje, com a alienação, esse produto não tem mais nenhuma ligação com ele, e sim com aquilo que o capital deseja para se acumular, que possa gerar lucro e ser apropriado pelo capitalista. Deixa de ser uma *relação humana*, para com os objetos que produz; passa a ser uma *relação desumana*.

Essa percepção de que o empecilho ao desenvolvimento do gênero humano, de uma desumanização que é socialmente posta, que ela pode ser superada objetivamente, é onde se dá o *ponto de Arquimedes* do pensamento de Marx. Até o Marx, todos os pensadores viam essa desumanização como algo fora do homem, que de algum modo brotava fora dele, ou que estava vinculado essencialmente à ele.

Os primeiros escritos que tratam de algum modo – mesmo que ainda muito vago e superficial – são os escritos bíblicos, o cristianismo. Como também o judaísmo²². Mézáros em sua obra, *A Teoria da Alienação em Marx*, vai fazer esse resgate histórico justamente por entender que a categoria de alienação em Marx não é um fenômeno que surge na sociedade capitalista, mas que tem origens muito atrás e que por isso remeteria a uma teoria, com todas suas complexidades, desenvolvimentos e aprofundamentos – sem dúvida que a causa da alienação para Marx remete muito anteriormente ao capitalismo como já dissemos até aqui, porém Mézáros avança nessa abrangência em cuja obra estamos nos ancorando, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Mas voltando à concepção religiosa, ela basicamente concebia a alienação do homem como referente ao pecado, e que nesse caso era da essência do homem essa desumanidade²³.

²² Ver em Mézáros, *A Teoria da Alienação em Marx*.

²³ Sem dúvida que não trataremos, nem de perto, a concepção das religiões sobre alienação, apenas estamos destacando aquelas que tiveram maior alcance e conseguiram se ajustar, no caso hoje, à sociedade capitalista. Apenas para refletirmos, não se é por acaso que a concepção cristã de mundo perdurou durante toda a idade média e se consolidou, obteve uma “união conjugal estável”, com o capitalismo. Já no fim do Império

A discussão sobre a essência humana foi muito debatida ao longo da história – principalmente com o início do período Iluminista – e que se coloca diretamente na discussão de alienação humana. Se pegarmos ao longo da história, por exemplo: para o senhor de escravo na Grécia antiga, aquela organização social era a mais avançada que a humanidade poderia ter, e nesse caso, grandes filósofos como Aristóteles, tinha que justificar que era da essência humana tal condição, que era da essência do escravo ser um ser desumanizado, ser um *instrumentum vocale*.

Quando chegamos na sociedade feudal, obviamente esse argumento e essas concepções são reformuladas – veja, todo o desenvolvimento do conhecimento até aqui na história, nada dele se foi jogado fora e começado do zero, nem mesmo Marx com toda a sua genialidade o fez, ele só foi o que foi por ter se apropriado dos grandes pensadores e em seguida os terem superado, *transcendido*, em sua nova teoria – e passam para a concepção medieval de sociedade, uma concepção em suma teológica da humanidade. Que tem, em certo sentido, a possibilidade de fazer história e trabalhar como lhe convém sobre a riqueza da terra. Mas essa concepção teológica não vai muito além, e mantém o gênero humano como alienado teologicamente.

2.2 A alienação *universal* da burguesia a partir da economia

É justamente de uma percepção profunda da organização do ser social, donde provém o salto qualitativo do pensamento de Marx. Veja, o princípio de *parcialidade* e *universalidade*, é a de que uma classe expressa uma concepção de *parcialidade*, mas ao mesmo tempo para se manter enquanto classe dominante precisa se colocar enquanto *universalidade*, disso que, resulta uma contradição, contradição que nasce na alienação do trabalho. Sendo assim

a novidade histórica da solução de Marx consistiu em definir o problema em termos do conceito dialético concreto da ‘parcialidade que prevalece como universalidade’, em contraposição à universalidade genuína, a única capaz de abranger os múltiplos interesses da sociedade como um todo e do ser humano como ‘se genérico’. Foi esse conceito específico, socialmente concreto que permitiu a Marx capturar a problemática da sociedade capitalista em todo o seu caráter contraditório e formular o programa de uma transcendência *prática* da alienação por meio de uma fusão

Romano ela foi se consolidando, atingindo grandes proporções na sociedade da Europa Ocidental.

genuinamente universalizante de ideal e realidade, teoria e prática.
(MÉSZÁROS, 2016, p. 36)

Ao tempo em que Marx descobre os fundamentos da alienação e seu desdobramento universalizador na sociedade capitalista – com ela a forma do fetichismo da mercadoria, que remete à reificação –, ao mesmo tempo possibilitou descobrir objetivamente a real possibilidade de sua superação.

Agora aqui fica um pouco mais evidente o por que do antagonismo das duas principais – mas não só – classes, a burguesa e a proletária. Onde uma classe ascende enquanto uma concepção particular e se universaliza, traz consigo uma contradição, contradição que a particularidade dela não remeta ao gênero humano, mas somente a ela, para obter sua dominação²⁴. Isso leva a alienação do homem ao gênero humano a partir do trabalho, pois nem a classe burguesa nem a proletária se reconhecem enquanto gênero. Quando Marx diz que o ser humano está alienado da natureza – que ele também chama de alienação da coisa – significa que o processo de mediação que o homem trava para com a natureza está, de algum modo, obstaculizado. Primeiro que essa mediação é de fundamental, essencial necessidade de sobrevivência do homem, tanto enquanto indivíduo como enquanto gênero – do gênero humano. É precisamente dessa capacidade de travar com a natureza uma relação, da qual nenhum outro ser orgânico – nenhum animal – tem essa capacidade, que o ser social pôde surgir na história. Em suma, a capacidade do trabalho de mediação com a natureza, é a que funda e mantém em vivo o ser social. Sobre o domínio da natureza, o ser social surge como único na história a se reconhecer enquanto gênero e reconhecer os outros seres – o ser inorgânico e o ser orgânico – como qualitativamente inferiores a ele. Essa relação de inferioridade não é de nenhum menosprezo e nenhuma moralidade sobre os animais. A relação aqui é que o ser social é infinitamente mais complexo e detém uma história muito mais rica e desenvolvida, do que os outros seres – ao menos neste planeta²⁵.

²⁴ Disso reside a potencialidade da emancipação humana nas mãos dos trabalhadores, pois a particularidade deles remete ao gênero humano, sua finalidade na revolução só pode ser o da emancipação do gênero humano, e não o da dominação. Por isso da tomada de posição de Marx ao lado dos trabalhadores, é uma tomada política concebida em uma orientação teórica da realidade, e não num altruísmo cego ou uma filantropia moral.

²⁵ Não nos limitamos aqui ao tratar do ser social com uma moralidade que é tão visível dentro das ciências humanas na atualidade, tratamos de uma perspectiva ontológica do ser social nas suas relações mais profundas e ao mesmo tempo complexa, diferente de uma concepção antropológica e rasteira da história que nada ajudaria aos nossos dias atuais. A

Assim como Mézáros denominará essa relação do ser social para com a natureza de *mediações de primeira ordem*, significa que essa mediação é ontológica ao ser social – faz parte essencialmente dele, ao mesmo tempo em que o trabalho também só se faz presente no ser social –, é impossibilitado do homem se manter enquanto gênero humano sem esse travamento. Quando dizemos dessa impossibilidade não é difícil, num primeiro momento, perceber sua obviedade, pois, sem o travamento para com a natureza fica-se impossibilitado o acesso aos alimentos, vestimenta, abrigo etc.

É nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* onde Marx irá caracterizar que o ser humano está alienado da natureza, ou também, como a alienação da coisa.

Façamos aqui um retorno ao capítulo anterior para entendermos melhor essa alienação do objeto frente ao trabalhador. Lembremo-nos que o processo teleológico no trabalho – da prévia ideação, objetivação-externalização – era um processo do qual o indivíduo tinha o controle sobre ele; que o objeto que ele criava e produzia era enriquecedor à ele e ao gênero humano. Porém agora, esse objeto é estranho a ele, ou melhor, está alienado dele e a ele não enriquece mais como anteriormente. É claro que ainda continua a ser uma relação entre teleologia e causalidade, continua ainda a efetuar o trabalho e produzir coisas novas. Mas essas coisas que ele produz está fora de seu alcance imediato, está alienada dele para ser efetivada posteriormente na compra enquanto mercadoria que é – se é que o trabalhador conseguirá realiza-la.

Nesse sentido, essa relação do indivíduo, ou melhor, do trabalhador para o objeto que ele produz – dessa relação social –, não é uma relação do *ser*, plenamente desse indivíduo, é uma relação social do *ter*, ou seja, não fazemos algo para o nosso *ser* enquanto gênero humano que somos, fazemos apenas para o *ter*, imediato das coisas.

Essa análise de Marx da alienação da coisa, daquilo que o trabalhador produz, é consequência de uma primeira, ou seja, que já no processo do trabalho o trabalhador está alienado, está alienado de si mesmo, da sua própria atividade.

antropologia tem que estar dentro da ontologia, e não transpassar uma análise antropológica do homem para dentro da ontologia.

Como dissemos antes, a atividade na qual o trabalhador está imbuído não faz parte, não pertence à ele, antes, ao capitalista; as ferramentas, o local e a intensidade dessa produção não cabe ao trabalhador ter em suas mãos o controle, ao trabalhador só lhe cabe realizar aquilo que lhe foi pago – pelo salário – a fazer enquanto força de trabalho que ele é.

É por isso que a objetivação do seu trabalho se torna *meio de vida*, no sentido que precisa dele para *sobreviver*, e não para *viver*. Ele tem que ser força de trabalho para se manter enquanto *sujeito físico*, para poder minimamente existir enquanto um “ser orgânico” que luta a (re)existir.

A sua objetivação não é no sentido do *ser*, de captar aquilo que ele faz teleologicamente em função do gênero humano, de ter uma relação plena entre teleologia e causalidade. Sua objetivação vai no sentido do *ter* imediato, de ter que objetivar por sua sobrevivência enquanto indivíduo, e isso acontece porque dentro da relação entre, prévia ideação e objetivação, a alienação entra nessa relação, de modo que a exteriorização é obstaculizada; existe algo de desumano que faz com que na objetivação-exteriorização a alienação penetre nela.

A própria divisão do trabalho a partir do modo de produção capitalista da propriedade privada, traz contradições que em si são desumanizantes. Quero dizer, ao mesmo tempo em que essa divisão traz consigo um desenvolvimento na organização da produção, que desenvolve muitíssimo as forças produtivas, não traz nenhum benefício imediato ao trabalhador. Como já dissemos, o objeto que ele produz está alienado dele, ao passo que no próprio processo da produção perante a divisão social do trabalho, o trabalhador perde de vista totalmente o todo do processo de produção, sua capacidade que antes era de realizar várias funções, agora é a de se especializar cada vez mais em uma só função. E quanto mais o trabalhador se prontificar em dominar dentro de um ramo da produção, um só ato específico da linha de produção, quanto mais as suas destrezas foram afuniladas para um só ato dentro da produção de uma mercadoria, maiores serão suas chances de adquirir um emprego, logo, de satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência.

Essa é a grande tragédia que o ser humano tem de fazer para sobreviver na sociedade do capital, se especializar cada vez mais sobre uma função, se afastando

assim do todo da produção e de criação a partir do trabalho, e assim, sendo cada vez mais engolido pelo processo cotidianamente desumanizador do trabalho alienado, como se o trabalho por si só – mediação de primeira ordem – fosse a grande tormenta dele.

É por isso que o trabalhador está alienado na atividade, na produção. Agora imagine o quanto essa divisão do trabalho não se expandiu desde a morte de Marx, se já naquela época era possível observar uma divisão internacional do trabalho, espalhada pelos quatro cantos do mundo. A alienação da atividade no trabalho hoje remete para além do próprio trabalho fora de casa, mesmo dentro de seu lar – se é que o trabalhador o tem de fato – o capital vai prolongar sua relação, como que estendendo sua jornada de trabalho. Fazendo o trabalhador levar para dentro de sua casa alguma parte da produção que ele possa exercer para com sua família – veja como o capital está “preocupado” em empregar mais pessoas. Mas não iremos tratar dessa relação aqui, apenas apontemos para enriquecer mais tal discussão da alienação.

Detemo-nos agora a uma terceira característica da alienação a partir do que foi colocado até aqui. Que o fato do homem produzir não para si próprio mas produzir coletivamente, e quanto mais desenvolve essa produção – as forças produtivas – mais universal o gênero humano é; maior será seu domínio sob a natureza e melhor será sua relação entre indivíduos. Acontece que, como dissemos no início, uma classe que se coloca sobre a outra para extrair dela riqueza, ou seja, uma classe que não trabalha e só explora, faz com que essa organização social esteja alienada, que então o gênero humano está alienado, está por assim dizer, cindido. E essa alienação do indivíduo para com o gênero humano, não se dá somente no trabalho, mas também nas relações entre as duas classes essa alienação se mantém presente, como através da política, da economia e do Estado, são campos precisos que a classe dominante mantém como verdadeiros pilares para sua dominação, para poder levar a reprodução do capital com eficácia.

A relação do indivíduo para com o Estado é uma relação alienada do gênero humano, desumanizada por si só, pois o Estado é a entificação da classe dominante²⁶.

É por isso que a busca de uma cidadania plena, nada mais é do que ser plenamente um indivíduo alienado do gênero humano. Isso fica mais evidente quando Marx extrai que dessa alienação, torna também alienada a relação do homem com o homem. A alienação faz parte também dentro da própria classe, logo do indivíduo para com o indivíduo.

O fato da livre concorrência ter existido alguma vez na história – mesmo que num curtíssimo período de tempo em uma determinada região – só evidencia que dentro da própria burguesia existe essa alienação, que o capital na sua incessante acumulação não pode plenamente se desenvolver distribuindo partes igualitariamente à todos, a burguesia faz guerra entre si, ela não se reconhece enquanto gênero na relação de indivíduo com indivíduo, antes se confronta hostilmente.

O que é predominante na relação econômica entre os capitalistas é o monopólio, não a livre concorrência que seus ideólogos liberais pregam. O monopólio é a determinação real da reprodução do capital, logo a essência alienante dentro da própria classe dominante.

Já dentro da classe trabalhadora, sua principal concorrência se dá através do desemprego, desemprego esse que faz parte da estrutura da organização do capital. É fundamental para o capital ter um exército industrial de reserva ao seu dispor, seja para realocar mão de obra em outro ramo de produção rapidamente, seja para reduzir o salário do trabalhador e aumentar a acumulação do capital. O que isso gera no seio dos trabalhadores é uma luta e uma concorrência brutal para adquirir emprego. É por isso que dentro da própria classe trabalhadora há alienação. E que no decorrer dos anos vão se fragmentando em classes, o que dificulta ainda mais a

²⁶ Não é por acaso que comumente em momentos de crise ou de perda de direitos da classe trabalhadora, se busque como ancoradouro uma saída via o Estado, pois ele é uma *possível* saída imediata de tal crise, e o que na verdade ele comumente faz é dar uma saída da crise aos capitalistas, para retomar o capital em sua reprodução. Disso se dá uma falsa saída à classe trabalhadora; disso se segue a característica alienante que o Estado tem.

luta do proletariado, dificulta que se tenha unidade em momentos de crises frente à burguesia.

Mas isso se reflete para além do trabalho, da própria atividade em si. As outras mediações sociais também implicam formas de alienação.

A economia que se universaliza na sociedade capitalista, é a alienação *universalizada*, e que antes a política tinha esse papel, mas um papel *particular* de alienação. Sendo assim, o papel da política como tentativa de poder *dentro* dessa sociedade, foi superada pela economia, quer seja, o dinheiro se universalizou em todas as nossas relações.

O surgimento do *cidadão* e do *burguês* é um sintoma claríssimo dessa alienação. De que enquanto indivíduo cidadão temos direitos “iguais” e nos reportamos coletivamente, no âmbito *público*. Enquanto indivíduo burguês, temos a nossa “emancipação” trazida pela revolução francesa, de termos a nossa vida no âmbito *privado*, particular, que diz respeito a nós mesmos, individuais.

Essas são características que Marx vai descobrindo em sua análise sobre a alienação, que ela não fica restrita no âmbito do trabalho, mas se espraia por todo nosso cotidiano.

A nossa própria relação para com o conhecimento é de uma forma alienada, a educação que é passada é alienada porque o Estado é alienado. O Estado para com a educação é desumanizador em sua essência, justamente porque serve para a formação de mão de obra ao mercado, mais precisamente, ao exército industrial de reservas. O conhecimento que é passado pela educação via Estado, por mais organizada e empenhada que tal escola seja, tem, em última instância, de produzir conhecimento para formar o *cidadão* – lembremo-nos da essência desumanizante que é ser um *cidadão*. Isso implica uma relação de alienação do homem e seu gênero e do homem com o homem. Perceba que desde já na escola, ainda quando criança, esse indivíduo terá todo seu estudo voltado para um futuro em uma área dentro do processo de produção capitalista; que todos aqueles seus colegas de estudos, são para ele um concorrente real para o seu futuro egresso no mercado de trabalho, pois o mesmo não quer, e não pode ir para os desempregados.

Que o conhecimento que é passado é alienado, implica logicamente em dizer que a ciência produzida – seja ela humana ou da natureza, pois toda ciência da natureza hoje, é voltada, em última instância, para a reprodução do capital – entre seus diversos cientistas é também alienada, ela por si só não pode ser desalienada²⁷. Reiteramos que essa ciência alienada é consequência da alienação no trabalho, da contradição máxima dessa sociedade que é entre capital e trabalho.

O fato de um autor que produz uma obra literária, querer atingir seu público – independe de qual especificamente, pois sua pretensão é a de enriquecer o gênero humano – através de sua recente escrita, implica ele de adentrar no mercado com sua obra, ou seja, que sua obra terá de ser rebaixada a uma mercadoria. E esse autor pode ter as mais honestas pretensas de garantir um livro barato ao seu público, mas seu público é antes um consumidor. Antes de poder escrever, ele teve de se alimentar, adquirir um computador para escrever ou papéis, uma habitação para se acomodar, em fim, teve gastos que implicam sua relação com o dinheiro, e que com sua obra não será diferente, o dinheiro permeará a relação da sua obra escrita para com o público leitor – entende-se, consumidor.

Mesmo que esse escritor, por uma grande felicidade consiga publicar sua obra sem custos – seja por uma instituição federal, como uma universidade, seja por alguma ONG –, de modo que ela fosse distribuída gratuitamente, ainda assim seria de uma relação alienada, porque implicou em um momento anterior uma relação de dinheiro – seja pelo que o Estado arrecada, seja por doação por uma ONG –, e se tem dinheiro sabemos bem que tem produção de mercadorias, logo, tem exploração de mão de obra pelo trabalho.

Essa é a relação desumanizante que o artista tem nessa época histórica, e isto não é diferente com o pintor de quadros, ou com um compositor musical, ou com um grande arquiteto, em suma, a parte estética que remete a nossas relações sociais, que estabelecem uma relação de humanização do nosso ser, ao nosso

²⁷ Significa dizer que o marxismo em si não é um ponto de vista desalienado, pois remete a uma ideologia que tem como campo particular a classe trabalhadora. “Constituindo, entretanto, a expressão do *máximo de consciência possível* do proletariado moderno e exprimindo o pensamento mais consequente da ação revolucionária socialista e comunista, que elabora a sociedade sem classes, o marxismo se torna o ponto de vista *desalienador* por excelência. Na medida em que exerce uma influência *desalienadora*, o marxismo antecipa o ponto de vista da humanidade reunificada [...]” (KONDER, 2009, p. 193).

gênero, não é isenta da desumanização²⁸ – nesse período histórico em que vivemos.

E não é por acaso que cada vez menos se projetam grandes artistas, grandes gênios, em nossa época. Se comparar com o século XVIII e XIX, os filósofos, literatos, poetas, pintores, em fim, veremos que nos dias de hoje não só poucos conseguem se projetar em sua área, como aqueles que conseguem ainda ficam aquém dos grandes, considerados os clássicos. As nossas relações sociais regidas a partir do capital, conforme se acumulando e se concentrando, ao mesmo faz com que nossas relações sejam mais desumanizadas, faz com que nosso cotidiano seja mais e mais reificado. Que a nossa sociedade não é mais orientada e organizada para nossa locomoção enquanto indivíduos, mas passa a ser cada vez mais orientada para a locomoção das mercadorias, daí a grande perspicácia de Marx em caracterizar a *reificação* como um momento de aprofundamento da alienação pelo capital. Significa: a personificação das coisas e a coisificação das pessoas (MARX 2013). É as mercadorias que se tornam preponderantes nas nossas relações, ao passo que disso, das nossas relações alienadas, de não enxergarmos empiricamente de onde provém tal desumanização, dá a possibilidade do fetichismo das mercadorias – onde um dos pontos principais de tal origem, se encontra na divisão social do trabalho, onde perdemos objetivamente e subjetivamente, o processo de produção²⁹.

Reside que dessa reificação social, a nossa personalidade, enquanto subjetividade de cada indivíduo é barrada pelas nossas relações. Esse caráter reificante das nossas relações, colocando as mercadorias em primeiro plano – e não como um valor de uso para satisfazer nossas necessidades, mas primeiro para serem efetivadas enquanto um tempo de trabalho que foi feito privadamente e que tem de ser efetivado na venda –, impede o desenvolvimento pleno das nossas capacidades, ou melhor, da nossa personalidade.

²⁸ Porém ela tem como característica essencial a de desantropomorfizar as nossas relações cotidianas. A estética – literatura, pintura, música etc – tem essa potencialidade de elevar o nosso gênero humano mesmo que esteja permeada pela reificação social, ela tem a potencialidade de fazer com que momentaneamente elevemos o nosso espírito fora do nosso cotidiano alienante, o que significa que nos enriquecemos toda vez que nos deparamos com uma obra de arte.

²⁹ Não confundir alienação com fetichismo, a segundo deriva da primeira. Fetichismo remete à economia, ao fato das mercadorias imporem um caráter misterioso, fantasmagórico, nebuloso, sobre os indivíduos.

Ora, um grande escritor teve durante sua vida as mínimas condições para poder chegar a escrever uma grande obra, precisou se apropriar de outras obras anterior à ele antes que pudesse ter um mínimo de dignidade em sua vida para desenvolver tal caráter humanizador perante sua personalidade. O fato de tal caráter humanizador, que faz-nos enriquecer subjetivamente e coletivamente, só é possível quando nossa personalidade tem a possibilidade objetiva de se desenvolver. E estamos falando em um período todo de relações em sociedade de classes, onde ainda não se pôde na história da humanidade ter tido a possibilidade de convivemos plenamente com nossa personalidade, sem nenhum empecilho. E que cada vez mais em nossos dias temos menos possibilidade de aflorar nossa personalidade plenamente. Infelizmente estamos obstaculizando nossas próprias relações pela maneira como nos organizamos a partir do trabalho.

Importante ressaltar essa questão da personalidade reificada, pois a muito se tem colocado a falsa concepção de que a teoria marxiana não poderia, ou não teria como tratar do indivíduo, no sentido de conseguir interpretar sua subjetividade. Ora, ao leitor que chegou até aqui nessas linhas – mesmo que sendo um texto de rápida interpretação – sabe que todo o estudo de Marx não se limitou somente à classe trabalhadora assalariada ou ao capitalista, não existe esse dualismo em Marx, trata-se de conceber o ser social na sua essência, na sua concepção ontológica, e nisso o *indivíduo* está intimamente ligado ao todo, não está fora e menos ainda é reduzido em segundo plano.

Já no capítulo primeiro ficou evidente que o ato teleológico não se é efetivado *pela* história, a teleologia não é feita socialmente como algo mecânico, pelo contrário, é objetivada individualmente, é o indivíduo que com sua subjetividade exercida no trabalho, elabora o ato teleológico.

Agora, importante entender que esse ato da subjetivação e da objetivação, não se limita ao trabalho, mas também ao campo das *mediações de segunda ordem*, onde podemos colocar nossas próprias relações, de homem com o homem. Daquela alienação lá no processo de produção vai se espriar por todas as nossas relações, e toda a nossa individualidade será alienada, reificada, e é por isso que na objetivação da nossa personalidade – que nesse caso não é o trabalho – também é afetada diretamente.

Sabemos agora que a alienação que surge do processo do trabalho – da contradição entre capital e trabalho – se estende para além dele, para além da classe trabalhadora e da classe burguesa. Se espraia para os não trabalhadores também, seja o professor, o filósofo, o artista, o marxista, o desempregado, o papa; todos estão sujeitos a essa desumanização, pois essa não é uma concepção moral sob a essência do homem, é objetiva, ontológica, que busca na raiz suas determinações, nesse sentido, a essência do homem não é algo dado a-historicamente, mas sim determinado historicamente em cada momento a partir da sua organização do trabalho³⁰.

CONCLUSÃO

Fazendo a relação entre o que dissemos na introdução e nos dois capítulos aqui expostos, temos de tirar a seguinte análise já contida nas linhas anteriores: que o trabalho é ontologicamente fundamental ao gênero humano, que ele humaniza o ser social, tanto na relação do homem com o homem, como da relação do homem com a natureza, essa é a *mediação de primeira ordem*; que a alienação ao surgir na história da humanidade implica um obstáculo ao nosso desenvolvimento, é já afirmar que, assim como ela surgiu – por razão de uma alteração na organização do ser social – também pode, e deve, desaparecer, pois ela faz parte das *mediações de segunda ordem*.

Que esse complexo dentro das mediações de segunda ordem devem ser transcendidos, superados, elevados a um novo patamar, significa que devemos alterar essa nossa organização e substituir por mediações que fazem parte do gênero humano, que nos humanizem – ao contrário da classe burguesa que com sua particularidade desumaniza nossas relações.

É preciso que nosso conhecimento, junto e à cabo da classe trabalhadora, implique em superar essas relações de segunda ordem fundadas na particularidade de uma classe, e seja assim superada por mediações que incidem sobre o gênero humano, sobre a universalidade. É o universal, adquire pela alma social, que deve ser implantado na nova sociedade.

³⁰ Perceba que é a partir do trabalho, que o trabalho é central, sem dúvidas, mas as nossas outras relações que não o trabalho, tem sua autonomia relativa, onde o momento predominante continua a ser o trabalho.

Isso então significa que o período revolucionário, propriamente o período de transição, implica organização, implica ordem e não desordem como pregam os anarquistas. O sentido de ordem aqui ao marxismo não tem nada que ver com a nossa sociedade de hoje, pois a chamada ordem dessa sociedade se faz sobre a exploração, e somente por sua “ordem” – que nesse caso é a dominação – é que ela se mantém. Nesse sentido a classe trabalhadora não pode se abdicar de uma ordem durante a sua *ditadura do proletariado*, ela tem que, durante esse período verificar no mesmo momento se suas relações estão indo de encontro ao gênero humano, que faça com todos possam ter as oportunidades iguais de efetivarem plenamente suas potencialidades da personalidade que cada um tem.

Nisso implica a extinção do Estado. À classe trabalhadora o Estado de nada serve, a não ser ficar nos livros de história junto ao museu com a velha classe dominante. Nem para sua própria organização para a efetivação da luta revolucionária o Estado deve ser tomado, pois é somente do interesse da classe burguesa que dele faz uso – para, é claro, a reprodução do capital –, que tenha a sua classe subalterna negociando com ela democraticamente, como bons cidadãos que eles são.

Para os trabalhadores, e com eles todos os partidos e movimentos sociais, foi trágica a mudança de estratégia de ir para o Estado, de não ter mais o foco na centralidade que o trabalho tem no período revolucionário, mas colocando sua centralidade na política, e assim rebaixando, obstaculizando qualquer tentativa de luta em momentos de crise.

Por isso é preciso resgatar essa discussão aqui estabelecida, da centralidade do trabalho. Se o trabalho é o momento predominante, ontológico-primário ao ser social; se foi predominante na sociedade escravista e feudalista, porque agora no capitalismo onde as contradições se põem cada vez mais às claras, ele deixaria de ser? Se essa perda da centralidade do trabalho é uma concepção que remete à ideologia da classe dominante, que à ela serve, então faz sentido essa perda central, pois é assim que ela se mantém; porém se ela é colocada como sendo a perspectiva emancipadora da classe trabalhadora – e mesmo que sendo da classe burguesa mas que esteja inferindo sobre a concepção dos trabalhadores –, então temos que tentar o máximo possível se dirigir ao lado da classe trabalhadora e enterrar

qualquer teoria de caráter reformista, embusteiro, que tente incidir sobre a organização revolucionária.

Entendemos que a classe que transforma a natureza e dela produz o capital, é a que tem em suas mãos a potencialidade de transformação radical desta sociedade; é dela que se tem a única saída possível de qualquer crise de caráter social³¹ – pois a ambiental também estaria vinculado à ela –, pois é dela que se adquire a potencialidade de fazer sucumbir a classe dominante burguesa e ao mesmo tempo tomar rumo à universalização do gênero humano.

Sem dúvida que o papel dos marxistas nos dias de hoje não se limita somente à discutir trabalho, mas não tem como discutir qualquer tema criticamente dentro dessas relações e sobre uma possível outra relação, sem ter a centralidade do trabalho como a bússola a nos guiar nessa empreitada.

É preciso olhar profundamente a forma como nos organizamos até aqui – desde que a classe trabalhadora assalariada surgiu – para vermos o que se fez de errado e o que deu certo em cada região e momento histórico, mas principalmente o que de errado se gerou na luta, pois é da atuação dos trabalhadores – adquirida através da reprodução do capital – é que devemos nos ater para não mais tardar na efetiva luta organizacional em superar pela revolução esse estado de coisas bárbaras na qual vivemos cotidianamente.

De nada adianta lutarmos incondicionalmente sem antes enxergarmos nossa própria efetivação no processo: se está sendo bem sucedido ou mal sucedido; se está indo de encontro à classe trabalhadora ou se está indo de encontro à um grupo reduzido que não tem ligação alguma à classe explorada, é preciso refletir sobre o processo, coletivamente e criticamente. É daí que se tira a importância do conhecimento teórico, de poder ajudar à classe trabalhadora em sua luta, mas não no sentido de levar A palavra, A sabedoria autêntica aos ingênuos, pelo contrário, é de poder tirar a própria ingenuidade impregnada na organização da esquerda, que a muito bate cabeça com relação à sua crise, e como sair dela.

³¹ Ao contrário do que se dizia aquele velho partido dissimulador da classe trabalhadora, do qual a crise de 2008 não chegaria ao Brasil. E que ainda hoje traz problemas organizativos seríssimos ao todo um conjunto que se entende como sendo de esquerda, aquilo que seria estar ao lado dos trabalhadores.

É pelo fato de todas as nossas relações sociais serem hoje alienadas – objetivamente e subjetivamente –, que temos de nos apropriar do conhecimento marxiano, da ciência humana desenvolvida por Marx, da vertente ontológico-materialista, e assim *coletivamente* – pela classe proletária – darmos consistência na organização, ou seja, sobre os meios e sobre o fim a serem alcançados.

BIBLIOGRAFIA

- ASTRADA, Carlos. *Trabalho e Alienação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- KONDER, Leandro. *Marxismo e Alienação*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LESSA, Sergio. *Para Compreender a Ontologia de Lukács*. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.
- LUKÁCS, György. O trabalho. In _____: *Para uma Ontologia do Ser Social*, 2. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *Cadernos de Paris & Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- _____. *O Capital: o processo de produção do capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Sobre a Questão Judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- NETTO, Jose Paulo. *Capitalismo e Reificação*. São Paulo: Instituto Caio Prado, 2015.
- SCHAFF, Adam. *Marxismo e o Indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- TONET, I.; NASCIMENTO, A. *Descaminhos da Esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política*. São Paulo: Alfa-Omega, 2009.